

Da introversão eclesial à missão ad gentes: Um coração sem fronteiras em Cristo

De la introversión eclesial a la misión ad gentes: Un corazón sin fronteras en Cristo

From ecclesial introversion to mission ad gentes: A heart without boundaries in Christ

Milan Knezovic¹

Resumo

Este artigo convida à reflexão sobre a missão ad gentes, ad intra e ad extra, dos institutos missionários, no contexto de uma introversão eclesial, a partir da perspectiva de uma espiritualidade missionária, abordando o conhecido conceito “habitar fronteiras com um coração sem fronteira”. Após rever o contexto eclesial em que os institutos missionários ad gentes se encontram, refletimos sobre amor humano e divino em Jesus Cristo que, como força centrípeta e centrífuga, renova o coração dos discípulos missionários e os envia, mesmo feridos, para ser um sinal de esperança no mundo ferido por desamor. O conceito “habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus” aparece de forma transversal ao longo do texto, como convite à introspecção e motivação para o contínuo alento para além de si mesmo, potencial referencial da missão ad gentes.

Palavras-chave: amor humano e divino; introversão eclesial; missão ad gentes.

Resumen

Este artículo invita a reflexionar sobre la misión ad gentes, ad intra y ad extra de los institutos misioneros en el contexto de una introversión eclesial, desde la perspectiva de una espiritualidad misionera, abordando el conocido concepto de “habitar fronteras con un corazón sin frontera”. Tras revisar el contexto eclesial en el que se encuentran los institutos misioneros ad gentes, reflexionamos sobre el amor humano y divino en Jesucristo que, como fuerza centrípeta y centrífuga, renueva el corazón de los discípulos misioneros y los envía, incluso heridos, a ser un signo de esperanza en un mundo herido por la falta de amor. El concepto “habitar la frontera del amor humano y divino en Jesús” aparece transversalmente en todo el texto, como invitación a la introspección y a la motivación para un aliento continuo más allá de uno mismo, como referencia potencial de la misión ad gentes.

Palabras clave: amor humano y divino; introversión eclesial; misión ad gentes.

¹ Presbítero, missionário do Verbo Divino, com mestrado em teologia sistemática pela Catholic Theological Union em Chicago (USA). E-mail: milanknez@hotmail.com.



Abstract

This article invites reflection on the mission *ad gentes*, *ad intra* and *ad extra*, of missionary institutes, in the context of ecclesial introversion, from the perspective of missionary spirituality, addressing the well-known concept of “inhabiting frontiers with a heart without frontiers”. After reviewing the ecclesial context in which missionary institutes *ad gentes* find themselves, we reflect about human and divine love in Jesus Christ that, as a centripetal and centrifugal force, renews the hearts of missionary disciples and sends them out, even wounded, to be a sign of hope in a world wounded by lovelessness. The concept of “dwelling on the frontier of human and divine love in Jesus” appears throughout the text as an invitation to introspection and motivation for continuous inspiration beyond oneself, as a potential reference for the mission *ad gentes*.

Keywords: ecclesial introversion; human and divine love; mission *ad gentes*.

1. Introdução

Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco sonhou com uma Igreja missionária em saída, compassiva, “um hospital de campanha” que acolhe a todos e se põe a caminho para o encontro, em estado permanente de missão em todas as regiões da terra, capaz de chegar às periferias existenciais, sociais e geográficas, e tocar as chagas espirituais e físicas da humanidade ferida, conforme a *Evangelii Gaudium* (EG) 24-25. Esse sonho profético do Papa Francisco, infelizmente, tem sido cristalizado no contexto eclesial com crescente déficit da consciência missionária e significativa introversão eclesial. Isso acontece, inclusive, nos institutos missionários *ad gentes*, onde esse déficit e introversão eclesial influenciam progressivamente e em reciprocidade equivalente. Essa correlação também foi percebida por São João Paulo II (2001), por sua exortação *Ecclesia in Oceania* (EO), quando afirma: “[...] toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima de uma espécie de introversão eclesial” (EO 19). O Documento de Aparecida (DAp) responde a esses sinais e propõe: “despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário” (DAp 548). Na sequência, o documento recomenda renovar a identidade cristã como discípulos missionários, anunciando a luz do Ressuscitado com alegria e coração solidário, especialmente para os que padecem nas periferias existenciais e sociais, inseridos na pobreza, na violência e na discriminação (DAp 548).

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (DGAE 2011-2019) destacam a missionariedade como um dos cinco aspectos urgentes, ao apontar a necessidade de uma Igreja em permanente estado de missão. A partir de 2019, essa mesma urgência foi reafirmada como o quarto pilar de uma comunidade de portas abertas para acolher e sair em missão. O Programa Missionário Nacional (PMN) 2019-2023 coloca a missão *ad gentes* como uma das quatro prioridades em seu plano, lembrando que, no Brasil, a Igreja dispõe de três projetos para a missão *ad gentes*: Moçambique, Guiné-Bissau e Pemba. No período de 20 anos, esses projetos enviaram cerca de 70 leigos, leigas e padres. Em preparação para o IV Con-

gresso Missionário das Américas, ocorrido na Venezuela em 2013, o teólogo xaveriano Estevão Raschietti afirmou: “No Brasil, a missão ad gentes está sendo colocada demasiadamente (e perigosamente) no escanteio por documentos, congressos, assembleias, prioridades, planos e práticas pastorais.” (Raschietti, 2013, p. 1). Sem pretensão, é possível acrescentar que isso tem ocorrido, em grande parte, pelos próprios institutos missionários ad gentes.

2. Um olhar sobre a introversão dos institutos missionários *ad gentes*

49

Uma inquietação que não se cala está no porquê dessa introversão pastoral ad intra e ad extra relativa aos institutos missionários ad gentes, dentro de um contexto em que o magistério e as diretrizes pastorais do próprio episcopado convocam todos à missão. Não deveria semelhante carisma, que plasmou estar em sinergia plena e de frente com a igreja, vivenciar e dinamizar mutuamente a mesma identidade missionária a qual Deus fez gerar a humanidade? Embora grande parte dos institutos missionários no Brasil sejam compostos pelos irmãos e irmãs provenientes de outros países, a paixão que os trouxe nem sempre transluz o mesmo encanto para além das fronteiras, nas atividades e iniciativas pastorais, paroquiais, homiléticas e tampouco, nas formações permanentes e retiros. Parece que o mandato missionário ad gentes se realiza, consome e cumpre apenas no envio, na saída do país de origem e na chegada ao destino missionário. Uma vez estacionados no âmbito paroquial, a própria paróquia torna-se o único horizonte da missão que, com o tempo, fica cada vez mais estreito e isolado. Devido ao cansaço, os desafios comunitários e, às vezes, os conflitos pessoais podem ser facilmente interiorizados:

[...] a tentação em considerar que a missão se resolve, afinal, aqui, no nosso meio, que a realidade com a qual temos que lidar já desafia suficientemente a missionariedade de nossas comunidades, que é bem mais importante responder às questões que o nosso mundo nos coloca, [...] termina por sufocar o impulso de sair e se doar, e tudo isso [...] nos atormenta, nos deprime, nos introverte e nos envolve numa dinâmica centrípeta, até o fechamento completo em nós mesmos, tanto do ponto de vista confessional como do ponto de vista pastoral. (Raschietti, 2011, p 32).

Nas últimas seis décadas, os institutos e congregações com o carisma ad gentes vivem certo esfriamento em relação à própria missão ad gentes, principalmente nos locais onde se encontram bem inseridos nas perspectivas dioceses. Uma das razões possíveis para esse “relaxamento” pode ser a falsa sensação de não se ter algo a acrescentar. Equivocado pensamento, pois toda a igreja é chamada a ser missionária e cada batizado é chamado a assumir o ser missionário (a) no mundo (EG, 273). O chamado universal do Papa Francisco (2013) para missão desafia a tese bem conhecida e repetida entre os missiólogos: “se tudo é missão, nada é missão”. Esse desafio devolve, e insere, a vocação e a beleza missionária ao coração de todos, de cada pessoa batizada, inclusive, ou, mais ainda, aos institutos missionários ad gentes.



Para o teólogo Steve Bevans (2005): “se tudo é missão, tudo é missão”. E de fato, a missão é para ser vivida e celebrada com todos e em todos os contextos paroquiais e pastorais. O chamado à missão não tem cercas nem fronteiras. Cada pessoa vive esse chamado baptismal, no amor a Deus e ao próximo, na intensidade do amor que move e na sinergia dos dons e das limitações que se tem. Mas cada chamado missionário carrega a luz do amor divino e humano de Jesus Cristo, o qual é acolhido na vida do outro, na sua singularidade, e o leva à frente, na comunhão, de um modo distinto. Por isso, ninguém deveria de sentir diminuído, desanimado ou vir a desistir da missão de amar a Deus e ao próximo. Todos são chamados a viver e ser a luz da mesma chama do amor de Cristo, devendo todos rejubilar, pois é amando que o amor se renova e, gastando-se n’Ele e por Ele, que o amor se soma. A chama do amor que não se acende, nem se divide, acaba se perdendo. Mas se acesa e multiplicada, a luz do Seu amor se soma. Por isso, na noite da vigília do Sábado Santo, na proclamação da Páscoa canta-se: “Não diminui, ao dividir-se, o seu fulgor”. Missão ad gentes, como carisma dos institutos e congregações missionárias, irradia um encanto singular desse mesmo chamado de ser missão do amor de Deus, além dos contornos do próprio país, da língua e da própria cultura. Manter viva essa chama é uma dádiva vocacional e espiritual, a qual se tem na igreja universal pela animação missionária ad gentes dos leigos e leigas das paróquias que, por meio de tantas atividades pastorais realizadas com muita dedicação, jamais pode ser esquecida.

Institutos missionários percorrem um caminho longo e árduo, em busca de compreender e vislumbrar o caminho da missão entre os textos conciliares e do Decreto Ad Gentes. Por um lado, há um impulso sinodal para a participação de todo o povo de Deus na missão, por outro, estão as interferências e interpretações institucionalizadas a partir de uma visão eclesial mais hierárquica e piramidal. De todo modo, desde referido decreto, reflexões teológicas tem aprofundado o verdadeiro sentido do anúncio salvífico além-fronteiras, bem como realizá-lo na prática a partir de paradigmas que envolvam o diálogo inter-religioso e a inculturação (Schreiter, 2022, p. 126-127). O aprofundamento desses paradigmas teológicos deram início ao processo de desprendimento das mentalidades e atitudes colonialistas e proselitistas no anúncio do evangelho, amadurecendo, assim, o “como” viver a missão no mundo multicultural de hoje. Na atitude de respeito, acolhimento e apreciação do outro, na sua alteridade humana e cultural e na própria compreensão do paradigma Ad Gentes. Termo que ainda, oficialmente, é interpretado pelo magistério da igreja como “aos povos”, mas que, a partir das reflexões teológicas e missiológicas, entende-se como uma interação entre seres humanos que partilham a mesma dignidade, criados à imagem e semelhança de Deus, em uma vivência e interação fraternas que caracteriza o apelo como intergentes. Nessa perspectiva teológica da vivência missionária, o próprio povo é também o “sujeito”, não apenas um “objeto”. O povo é protagonista da própria missão evangelizadora junto com os agentes missionários, em uma sinergia missionária de cum-gentibus. Todavia, o processo simultâneo do clericalismo ressurgente continuamente e renova dúvidas antigas.

Em todo esse processo da reflexão teológica, a questão: “com quem” da missão corresponde, na prática, a um protagonismo interativo entre os membros dos institutos missionários ad gentes e o povo de Deus no destino da vivência da missão. Mas isso não se traduz ao engajamento afetivo, e efetivo, desse mesmo povo com a missão ad gentes a partir das suas igrejas locais. Esse antagonismo pastoral é perceptível, principalmente, junto aos anima-

dores missionários dos institutos missionários ad gentes, perante o contexto local da sua província. Deviam animar os leigos e leigas à missão, mas sem clareza sobre “os confins” da própria missão, tornam a animação missionária dentro da igreja local ambígua e desfocada. É evidente a importância do laicato como protagonista da missão para além-fronteiras, conforme citado nas Constituições dos Missionários do Verbo Divino (2024). Contudo, na prática, são pouquíssimos leigos no mundo inteiro a sair dos seus países para além-fronteiras. Talvez não seja nem porque lhes falte a vontade, mas por nunca serem animados para uma saída até “os confins da terra”, ou, talvez, porque nunca receberam um convite e incentivo claro, articulado por institutos missionários ad gentes, partindo do coração para o coração. O tema da animação dos leigos e da sua estruturação como colaboradores na missão tem surgido, sucessivamente, nos capítulos gerais dos Missionários do Verbo Divino (SVD). Porém, somente a partir do último Capítulo Geral votou-se a recomendação para a animação dos leigos à missão ad gentes:

O Capítulo Geral recomenda que se providencie o envio e/ou aceitação de missionários leigos dentro de dois anos e comunique isso ao Coordenador Zonal, que disseminará essa informação para outros. Se uma Província estiver disposta a enviar e/ou aceitar os missionários leigos, o secretário da missão, juntamente com o superior provincial/regional, estabelece normas para o envio ou acolhimento de missionários leigos em sua província/região e, quando necessário, estabelece as normas com os administradores da Igreja Local. Os secretários de missão são encarregados da tarefa de preparar e promover missionários leigos (SVD, 2024, nº 6).

Apesar da presença centenária de tantos institutos e congregações ad gentes no Brasil, grande parte partilha a mesma introversão missionária, quando se refere a animação e envio dos leigos e leigas para a missão ad gentes. Esse recuo na animação missionária do além-fronteiras para dentro das igrejas locais, talvez, venha a ser fruto de uma ambiguidade teológico-pastoral, com que os próprios institutos se debruçam tentando redescobrir a sua identidade missionária no contexto eclesial, bem como ser fruto da falta de apoio para a colaboração e cooperação missionária mais criativa e mais aberta, a partir da estrutura da igreja no Brasil. Os institutos missionários ad gentes podem cooperar muito mais com a vasta capilaridade por todos os regionais, tanto no Brasil como nos continentes da África, Oceania, Ásia, Europa e América Latina, para que a vivência dessas experiências missionárias ad gentes renove o coração do povo de Deus. Essas questões e propostas também foram levantadas no V Congresso Missionário Nacional (5CMN), resumidas em uma frase na carta compromisso, como abertura dos caminhos para vivência das experiências (CNBB, 2023).

No mundo em que tudo está interligado, os próprios institutos missionários ad gentes, precisam dar um passo além da sua introversão, para uma integração mais fecunda a partir do seu carisma ad gentes, na sinodalidade e na sinergia do mesmo carisma. É preciso pensar novos caminhos e projetos para o envio de missionários leigos e leigas à missão ad gentes, colaborando com as iniciativas existentes da igreja no Brasil, e quem sabe, iniciar uma representatividade organizada, articulada, contínua e participativa no Conselho Missionário Nacional. O VI Congresso Missionário das Américas (CAM6),



ocorrido em novembro de 2024, em Porto Rico (POM, 2024), buscou respostas a uma grande indagação: por que foi tão tardia, na América Latina, as reais preocupações em relação à missão ad gentes? No relatório final do congresso, foi apontada a resistência como causa principal, criada por “uma introversão eclesial que faz olhar especialmente para as realidades internas dos respectivos grupos, movimentos, paróquias e dioceses” (POM, 2024), acompanhada por outros agravantes como:

[...] falta de gratuidade para com os missionários ad gentes existentes que às vezes parecem invisíveis para suas igrejas locais e paróquias; a falta de formação missiológica nas igrejas locais; a falta de infraestrutura financeira e de recursos humanos para apoiar a dimensão missionária (POM, 2024).

Esses fatores apontados pelo CAM6 intensificam, de forma interligada, a dinâmica da introversão em um círculo, aparentemente sem horizonte, para sua saída. Ao mesmo tempo, o anticorpo contra a introversão pastoral está mais próximo do que se imagina. Com base na Exortação de Papa Francisco (2018), *Gaudete et Exsultate* (GE), deve-se perguntar, respirando esse “ar irrespirável, da auto referencialidade [...] se às vezes Jesus não estará já dentro de nós, batendo para que O deixemos sair” (GE, 136). Por essa urgência, o chamado paradigmático do Papa Francisco busca acordar a igreja no mundo inteiro do estado de dormição missionária. Com isso, lembra a todos os seus membros, o que inclui instituições e congregações missionárias, que “a Igreja é serva da missão. Não é a Igreja que faz a missão, mas é a missão que faz a Igreja. Por conseguinte, a missão não é o instrumento, mas o ponto de partida e a finalidade” (Francisco, 2015). Daí, entende-se que o estado de inércia macula a essência de uma igreja em saída, movida pelo espírito missionário de anunciar a Boa Nova do evangelho revelada e deixada sob os cuidados dos discípulos, ouvintes para vivenciá-la além de si mesmo.

Institutos com carisma específico ad gentes poderiam dar muito mais se tiverem a ousadia de, no diálogo e na sinodalidade, habitar juntos o amor humano e divino em Jesus que, unindo em seu coração missionário, apaixonado por Deus e pelo seu povo, os envia sempre para o além de todo desânimo, isolamento e fragmentação. Por ser a igreja una, por que não somar forças, unindo a chama do carisma ad gentes na perspectiva da missão, contribuindo assim pelo bem desse “máximo desafio”, que é “a primeira de todas as causas” (EG 15)? – A Missão de Deus espera uma resposta terna e criativa unindo todas as forças missionárias. Habitar a fronteira desse amor humano e divino de Jesus é viver, desprendido de si mesmo e das estruturas petrificadas, na acolhida e reconexão contínua de cada contexto que a vida e a missão trazem, com a seiva vital do alto, única que, na sua luz, traz liberdade interior e um coração livre para amar sem fronteiras. Deus lança para o além das fronteiras, para o encontro e comunhão com outras pessoas. Essa comunhão, alicerçada na fronteira sempre móvel do amor humano e divino de Jesus, acompanha em todas as travessias, ilumina por dentro, torna-se instrumento e sinal luminoso (referencial) para o mundo ferido pela síndrome da introversão generalizada. Como diz o Papa Francisco (2020) em *Fratelli Tutti* (FT) um mundo marcado pela “indiferença, fria e globalizada de uma humanidade que perdeu o coração” (FT 30).

Talvez, tudo isso ajude a percorrer um caminho sinodal abrindo o coração e discernindo, juntos, onde o Espírito Santo quer conduzir. Os institutos missionários ad gentes precisam se reconectar com o carisma do amor humano e divino que os gerou, e pensar novos caminhos para o além das fronteiras, começar a caminhar juntos (ad intra e ad extra), unindo-se às forças missionárias da igreja no Brasil, sem medo de perder a “originalidade” do seu carisma, pois todas provêm do mesmo coração do Deus Uno e Trino, e Seu amor garante a vivacidade de todos os carismas missionários na unidade. Corre-se o risco de perder muito mais quando isolados e desligados do contexto da realidade eclesial e social, a caminhar em círculos e tentando viver o carisma missionário no quintal imaginário, desanimados, sem encanto vocacional e sem recursos. As fronteiras que se habitam, acabam definindo a pessoa por dentro e fora. É necessário se reencontrar na fronteira do amor humano e divino, no amor de Jesus Cristo, para que de novo arda seu amor e mantenha vivo o encanto do ser missão.

3. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus Cristo

Deus Uno e Trino é fonte da missão, e é na missão do Filho e do Espírito Santo que a igreja tem sua origem, como diz o decreto *Ad Gentes*, comentado por Rachietti (2011). A força do Espírito Santo conduz a igreja em sua missão na história e no mundo, renovando-a, a iluminá-la por dentro a partir da escuta da Palavra de Deus e do reencontro de si mesma, nos gestos e na vida de Jesus Cristo. O Papa Francisco (2013), pela *Evangelii Gaudium* (EG), traz a missionariedade como vocação existencial em cada cristão:

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo” (EG 273).

O amor de Deus se manifesta em Jesus Cristo, torna-se causa da alegria, de força e razão da identidade missionária, de conteúdo mais sagrado a ser contemplado e proclamado a partir de sua vivência. Assim, o modo como fazer a missão é o foco da missão ad gentes, justamente para não se repetirem feridas colonialistas do desamor deixadas nos institutos missionários. Atualmente, grande parte das vocações para os institutos missionários ad gentes provêm das antigas “terras de missão”. Isso assegura um espírito desprendido das pretensões humanas, de maneira a vislumbrar o renascimento de missionariedade reconciliadora, alegre, esperançosa como elemento permanente da espiritualidade missionária capaz de curar as chagas do racismo, xenofobia, indiferença, ressentimento, apatia, cinismo, desconfiança, contração cultural e étnica, clericalismo, luta pelo poder, machismo e exclusão, tanto de maneira interna aos institutos missionários, quanto no âmbito eclesial onde se encontram. No contexto globalizado da humanidade que perde o coração, é urgente ter a presença do amor de Deus por meio dos missionários/as ad gentes. Na Encíclica *Dilexit Nos* (DN), Papa Francisco (2024a) enfatiza a necessidade de “bebermos” desse amor capaz de construir laços e de nos fazer cuidar da casa comum:



A Igreja também precisa dele, para não substituir o amor de Cristo por estruturas ultrapassadas, obsessões de outros tempos, adoração da própria mentalidade, fanatismos de todo o gênero que acabam por ocupar o lugar daquele amor gratuito de Deus que liberta, vivifica, alegra o coração e alimenta as comunidades. Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece de novo a quem quer amar. Só o seu amor tornará possível uma nova humanidade (DN 219).

O Papa João Paulo II (1990), pela encíclica *Redemptoris Missio* (RM), lembra que a identidade missionária não se define só por discursos e palavras ditas, mas pelo testemunho de vida, por aquilo que é o missionário ou a missionária. Portanto, a força renovadora, que ilumina o coração missionário, é a contínua e prolongada sede pela santidade a ponto de a Missão e a santidade estarem intrinsecamente interligadas (RM 23, 90). E Papa Francisco (2018) também trata desse sentido de santidade meramente dita, em sua Exortação *Gaudete et Exsultate* (GE), quando diz que: “ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase” (GE 96), mas viver em Deus por meio do amor aos últimos e pequenos. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus Cristo é manter, em contínuo equilíbrio e diálogo vivificante, o amor a Deus e ao próximo. É um contínuo abrir-se a Deus e aos irmãos a partir do amor humano e divino em Jesus. É um chamado que Deus estende e “reestende” a todos, em cada situação da vida. É um caminho comunitário, um peregrinar rumo à plenitude em Cristo e com Cristo, em um constante empenhar-se para perseverar no amor a Deus e ao próximo até o fim (GE 14). Apesar de tropeços e caídas, entre os ventos pessoais e comunitários, perseverar no caminho do amor a Deus e ao próximo é o anúncio feito pela igreja, de maneira especial pelas instituições que bebem do carisma ad gentes e que se regeneram pelo “Coração de Cristo”, considerando-o como “o centro do seu ser, (que) é uma fornalha ardente de amor divino e humano, a mais alta plenitude que a humanidade pode atingir. É aí, nesse Coração, que finalmente nós reconhecemos e aprendemos a amar” (DN, 30).

No fim da vida, atravessando a morte como a última fronteira entre finitude e eternidade, entregar a Deus a missão de uma vida insubstituível e intransferível. Quando cessar todo o ser missão vivido pessoal e comunitariamente ad intra e ad extra, ad gentes, intergentes e cum gentibus, o que fica é esse amor a Deus e ao próximo, acolhido e vivido para e com todos, de modo especial aos mais sofridos e vulneráveis, na concretude do cotidiano, a revelar a imagem do Cristo forjada pelas opções fundamentais marcadas no gesto da vida que se levou. Ter um coração sem fronteira não quer dizer ter um coração vazio, pois o coração vazio não encanta ninguém e torna tudo cansativo, pois, de acordo com Papa Francisco (2024a):

[...] Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida, só isto contará (DN 11).

E ainda, na bula *Spes non Confundit* de proclamação do Jubileu 2025, o Papa Francisco (2024b) diz que habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus torna o caminho aberto para encontrar a alegria duradoura, interligada à felicidade a qual precisamos:

[...] Precisamos duma felicidade que se cumpra definitivamente naquilo que nos realiza, ou seja, no amor, para se poder dizer já agora: sou amado, logo existo; e existirei para sempre no Amor que não desilude e do qual nada e ninguém me poderá separar (SNC, 21).

Em todos os tempos e contextos da vida, inclusive nos mais sombrios e violentos em que a expressão externa da fé se torna impossível, é esse amor a Deus e ao próximo que transforma e reintegra a vida do discípulo missionário por dentro. No presente sofrido, projeta o amor para fora de si em direção ao outro, no gesto, na presença, no olhar, como súplica a Deus que não se esquece de ninguém. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus, cotidianamente, é ter forças para perseverar amando, mesmo na face do mal. É ter coragem para buscar a justiça na verdade, de manter a paz na ternura e na integridade perante um contexto de desamor. É perdoar e pedir perdão e manter o coração sem fronteiras para amar a todos e acolher o amor, mantendo viva a esperança para além de todo sofrimento, ancorada na plenitude escatológica do Reino de Deus nos fins dos tempos. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus é manter viva a chama e o encanto para o “além” de todas as fronteiras. E a paixão para o além-fronteiras, que parte do coração de Deus Uno e Trino, perpassa o coração que se abre ao mistério do Seu amor. Assim, a missão de amar a Deus e ao próximo nasce na existência concreta, em um coração com sua história, sua localidade e contexto de vida. A saída para o além é consequência do amor de Deus que arde e move o coração. Se o coração não arder no amor e por amor a Deus e ao próximo, por quem está perto ou ao redor da comunidade missionária e paróquia, jamais arderá por amor a pessoas e povos de outros lugares ou que não se conhece.

Santa Teresinha do menino Jesus, padroeira das missões, nunca saiu do convento, mas por seu amor ardente, intenso e vivido na simplicidade das atividades cotidianas, abraçava e contemplava o mundo inteiro. Assim também ocorreu com santo Arnaldo Janssen, fundador da congregação missionária do Verbo Divino e de duas congregações femininas missionárias, as servas do Espírito Santo e as missionárias contemplativas servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Embora nunca tenha saído para a missão ad gentes, possibilitou que, a partir do seu amor ardente a Deus e ao próximo, milhares de homens e mulheres encontrassem o encanto na doação de sua vida para a missão ad gentes. O amor de Deus move os corações, e sempre os move em direção ao próximo, aos mais sofridos e desolados. Portanto, toda espiritualidade cristã visa reavivar o amor de Cristo no coração do discípulo. A autenticidade na fé eucarística se verifica no “compromisso real na edificação duma sociedade mais equitativa e fraterna”, e de modo especial manifesta-se na sensibilidade com os últimos da sociedade, como nos alerta João Paulo II (2000), na carta *Mane Nobiscum Domine* (MND).

Não podemos iludir-nos: do amor mútuo e, em particular, da solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo 13,35; Mt 25,31-46)...

Com base neste critério, será comprovada a autenticidade das nossas celebrações eucarísticas (MND 27- 28).

A vivência de fé nas liturgias da palavra de Deus e na eucaristia, nos sacramentos, nas devoções populares, insere no: “Coração de Cristo, que simboliza o centro pessoal de onde brota o seu amor. É o núcleo vivo do primeiro anúncio. Segundo Francisco (2024a), ali se encontra a origem da fé, a fonte que mantém vivas as convicções cristãs” (DN 32). Amando o próprio Jesus Cristo na força do seu Espírito Santo, envia para continuar “fazendo isto” em sua memória no meio de um mundo ferido. Toda vivência de fé se insere nas entranhas amorosas de Deus, para que essa força do bem consiga permanecer e tocar os demais.

Desejar a santidade, portanto, não é fugir e apartar-se do mundo, nem tentar consertá-lo pela vontade e força própria, o que seria incorrer em nova forma da heresia pelagiana. Antes, é estar mergulhado em suas necessidades e permitir que, a partir da proximidade com o mundo ferido, a graça do amor salvífico seja um bálsamo e consolo da esperança divina para toda a humanidade. Infelizmente, muitas são as tentações que tendem a desvirtuar o coração do discípulo missionário, deixando-o dividido e fragmentado no egoísmo, individualismo, indiferença, espiritualidade mundana, em postura excludente de uma superioridade clerical e elitista, a apontar o dedo e difamar os semelhantes, esquecido de estar no mesmo barco. Contudo, sabemos que a salvação não se faz por isolamento: “ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana” (GE 6). Sendo assim, viver e estar juntos, caminhar juntos, é uma dádiva recebida por Deus. Habitar a fronteira do amor humano e divino de Jesus é parte intrínseca da missão ad intra e ad extra do discípulo missionário, pois, conforme o Papa Francisco (2024a):

O amor aos irmãos não se fabrica, não é fruto do nosso esforço natural, mas exige uma transformação do nosso coração egoísta. Nasce então espontaneamente a célebre súplica: “Jesus, fazei o nosso coração semelhante ao Vosso”. Por isso mesmo, o convite de São Paulo não era: “Esforçai-vos por fazer boas obras”. O seu convite era mais precisamente: “Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus (Fl 2, 5)” (DN 168).

A permanência no amor humano e divino de Jesus plasma o coração do discípulo/a nos mesmos sentimentos de Jesus. O amor do Deus Trindade em Jesus Cristo revela sua presença compassiva, dialogal, paciente, humilde, despojada e acolhedora mesmo diante da maldade transpassada pelo ódio e pela rejeição. Nesse amar até o fim e sem fim, Jesus Cristo redime o pior que um ser humano pode ser para o outro quando opta pelo caminho do desamor. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus Cristo é um contínuo exercício do coração, a ser praticado pelo discípulo/a na libertação interior a partir do perdão recebido gratuitamente de Deus e estendido ao próximo. Quando se deixa nortear pelo ódio, quando se reveste pelo desamor no traje da religiosidade moralista, formalista, ritualista e desencarnada, repete-se mais uma vez o sacrifício de Jesus, não sendo os seus redimidos e sim seus algozes, colocando ao lado da espada e dos crucificadores e não do crucificado.

Na véspera da sua paixão e morte, lavando os pés de todos os discípulos, inclusive do Judas, Jesus institui o mandamento do amor como essência da identidade/missão cristã e como critério da pertença a Ele. “Um novo mandamento dou a vocês: “Amem-se uns aos outros. Como eu os vos amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos” (Bíblia, Jo 13, 34-35). A própria eucaristia é o sacramento do amor manifesto de Deus Trindade que, pelo pão e o vinho consagrado, envolve em suas entranhas amorosas pela força do Espírito Santo que Cristo Ressuscitado envia sem medida, como consta em Bento XVI (2007), em sua exortação *Sacramentum Caritatis* (SCA) nº 8. A permanência na fronteira do amor humano e divino de Cristo transluz o amor como único anticorpo para o desamor, bem como toda indiferença e em todas as suas expressões. Habitar a fronteira do amor humano e divino em Jesus Cristo “não é um simples refúgio em sentimentos religiosos ou em cultos fantasiosos [...] sem consequências fraternas e sociais (DN 205). “Vocês entendem o que fiz a vocês? Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem” (Bíblia, Jo 13, 12). O caminho do amor se percorre amando a Deus e ao próximo. A partir da vivência do mesmo amor com todos, dentro do contexto ad intra da vida missionária para ser sinal do Reino de Deus, e sinal de esperança ad extra. Não existe nenhum outro pretexto que se coloque acima desse mandamento da vivência do amor a Deus e ao próximo.

A Páscoa de Jesus Cristo manifesta a vitória definitiva do Amor de Deus sobre o desamor humano. Vitória do bem sobre o mal, vitória da luz sobre as trevas. Essa certeza escatológica do alcance final da realização plena do amor divino e humano em Jesus Cristo, que se aguarda e celebra-se com esperança, tende a moldar o ser, viver e agir aqui e agora, plasmando no coração do discípulo missionário um coração sem fronteiras. Habitar a fronteira do amor divino e humano em Cristo é um contínuo reavivar-se, encantar-se na luz do mistério pascal desse mesmo Amor que amou primeiro. Celebrá-lo como sacramento na liturgia eucarística e vivê-lo com entusiasmo na liturgia da vida, em que o amor de Jesus se identifica com os necessitados, como nos traz Bento XVI (2011), na Encíclica *Deus Caritas Est* (DCE):

[...] famintos, sedentos, forasteiros, nus, enfermos, encarcerados. “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus (DCE 15).

Essa memória do amor humano e divino se fecunda quando é guardada no coração do discípulo, pois só o coração movido por essa energia traduz na vida e no coração do próximo essa paixão que celebra e vive. Habitar a fronteira do amor divino e humano, como discípulos missionários, é continuamente expor-se, reconectar-se, entregar-se na totalidade do ser ao Amor que amou primeiro. Esse mistério de Deus-amor é mistério vital da fé que atrai, alimenta e impulsiona a colaboração humana que ousa habitar a fronteira do amor divino e humano de Jesus e se deixa habitar por Ele.



4. Conclusão

Enquanto peregrinos da esperança sem morada fixa nesta terra, a fronteira do amor humano e divino de Jesus é a única fronteira estável a ser habitada em cada contexto da missão ad intra e ad extra. Estável porque se conhece os seus contornos nos efeitos consoladores da sua proximidade e, ao mesmo tempo, essa fronteira é móvel porque exige um contínuo movimentar-se em sua direção, e um querer permanecer diante de seu alcance. A fronteira do amor humano e divino de Jesus também é o horizonte da missão, pois nela o Deus criador abraça toda a humanidade e toda a obra da sua criação. A chama do além arde por dentro, movendo-se em direção ao próximo. Ela é a fonte viva do descanso e do alento missionário a partir do convite disposto em: Vem e segue me (Bíblia, Mt, 19,21); Vinde e vede (Bíblia, Jo 1, 39); permanecei em mim (Bíblia, Jo 15, 4-17); aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, (Bíblia, Mt 11,29); vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei descanso (Bíblia, Mt 11,28-30). Convite que Jesus estende sem cessar a todos, de modo especial aos discípulos missionários ad gentes. Seu amor humano e divino não tem fronteira alguma. De fato, seu amor aboliu todas as fronteiras, inclusive entre a eternidade e a finitude. É só na sinergia com seu coração sem fronteiras que o coração é capaz de manter-se livre de si para amar a todos.

O Amor humano e divino de Jesus, razão de toda missão, é o único escudo que protege a humanidade e a igreja do desamor e dos seus efeitos devastadores para si mesma, ad intra e ad extra. No mundo ferido pelo desamor, a única cura possível vem do Deus-amor, o qual dá o seu filho Jesus Cristo, compassivo, vulnerável, ferido pelo desamor humano, mas ressuscitado. É só na fronteira do amor humano e divino de Jesus que todas as distâncias se espremem, as diversidades se compreendem e a comunhão com Deus e ao próximo se restabelece, a esperança renasce, as mágoas, o vazio, as paixões, e até as humilhações, se transformam no novo alento missionário. Ela permanece como único diálogo vital do discípulo missionário ad intra que o leva para a travessia da fronteira de hoje para o amanhã, com olhar de coração fixo na consumação dos tempos, no Eshaton.

É do coração ferido e ressuscitado de Jesus que a força do Espírito Santo e do seu Amor humano e divino, de forma centrífuga e centrípeta, atrai a si e envia em missão para ser bálsamo do seu amor esperançoso no meio da humanidade ferida e sem coração. É habitando a fronteira desse amor humano e divino em Jesus que o coração se mantém sempre no caminho para o outro, com alegria e afeto, superando toda introversão eclesial, institucional, emocional, espiritual, psicológica, existencial, vocacional e ministerial. É habitando que se acolhe a Luz do seu amor que ilumina por dentro do discernimento contínuo sobre os sinais dos tempos, dando a graça de acolher e amar a todos e caminhar juntos na missão ad gentes com coração sem fronteira.

5. Referências

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (DCE)**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI, Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (SCa)** São



Paulo: Paulinas, 2011.

BEVANS, Steve. **International Conference on Mission Day 1**, 2025. Key note lecture, SVD Mission TV, março de 2025. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=steve+bevans+key+note+lecture>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição revista e ampliada**. São Paulo: Paulus, 2003.

CELAM. **Documento de Aparecida** (DAp): Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM). São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. **Carta Compromisso do 5º Congresso Missionário Nacional** (5ºCMN). Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Manaus, 15 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2023/11/5CMN-Carta-Compromisso.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025.

CNBB. **Diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019** (DGAE). Documentos da CNBB, nº 102. São Paulo: Paulinas; CNBB, 2015.

CNBB. **Programa Missionário Nacional 1919-1923** Brasília; CNBB: 1919.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*: Sobre a atividade missionária da Igreja (AG). 7 dez. 1965.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Dilexit Nos*: Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus (DN). São Paulo: Paulus, 2024a.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: Sobre a Fraternidade e a Amizade Social (FT). São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Evangelização dos Povos. Cidade do Vaticano, Sala Clementina, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015.html>. Acesso em: 2 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: Sobre a chamada à santidade no mundo atual (GE). São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Spes non Confundit*: Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025 (SNC). Brasília: CNBB, 2024b.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*** para o ano da Eucaristia (MND). São Paulo: Paulus, 2000.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta encíclica *Redemptoris Missio*: Sobre a missão da Igreja (RM). São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Oceania* (EO). São Paulo: Paulinas, 2001.

POM. **Mensagem final do 6º Congresso Americano Missionário** (CAM6). Pontifícias Obras Missionárias (POM), 24 de novembro de 2024. Disponível em: <<https://pom.org.br/mensagem-final-do-6o-congresso-americano-missionario-cam6/>>. Acesso em: 28 mar. 2025.

RASCHIETTI, Estêvão. **Ad Gentes**: Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

RASCHIETTI, Estêvão. **Apontamentos sobre a missão ad gentes** e sua relevância para a caminhada da Igreja no continente. Disponível em: https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/cms_artigos_pdf_95.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

SCHREITER, Robert. Os desafios atuais para a missão ad gentes. **Cadernos do CEMLA**, v. 9, p. 126-127, 2022. Disponível em: https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Custodio_Caderno_09.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025

SVD. **As Constituições de 1983 revistas pelo XV XVI Capítulos Gerais**. *Societas Verbi Divini* (SVD). Disponível em: <<https://www.svdcuria.info/members/svddocs/const/index.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SVD. **Fiéis à palavra**: Documentos do 19º Capítulo Geral da SVD. *Societas Verbi Divini* (SVD). Verbo Divino, nº 6, set. 2024. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgzQZVKCJQsHrrgGcLKBtLZVxgVSC>. Acesso em: 8 abr. 2025.

Recebido: 30/04/2025

Aprovado: 15/05/2025